

Proletários de todos os Países: UNI-VOS!

O Militante

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO P. C. P.



É preciso combater o derrotismo e as vacilações!

Depois da vitória alcançada pelas forças progressivas do mundo no combate ao fascismo, pensaram muitos anti-fascistas, e com eles alguns camaradas nossos, que a reacção ficaria anquilada para sempre e não mais levantaria cabeça. Esses camaradas que assim pensavam esqueciam que enquanto o grande capital monopolista, enquanto os grandes magnates da banca, da indústria e agricultura tiverem nas suas mãos de inimigos do povo muitas das alavancas do Estado e dos meios de informação (imprensa, rádio, cinema, etc.), o perigo do fascismo e o levantar cabeça da reacção são sempre possíveis. Mas porque esqueceram esta lei fundamental do marxismo, esses camaradas deixaram-se influenciar facilmente por ideias pequeno-burguesas, estranhas ao Partido do proletariado, e fazem-se eco dentro das nossas fileiras das ideias derrotistas e das vacilações que neste momento sacodem certos elementos da pequena burguesia.

Vejamos, concretamente, com que roupagens se nos apresentam essas ideias derrotistas e essas vacilações pequeno-burguesas:

Que foi «um erro» o nosso Partido, e com ele as organizações anti-fascistas, terem reclamado «eleições livres», pois que nunca o fascismo salazarista poderia assegurar aos democratas eleições livres; que havia, sim, que lutar «por um mínimo de condições». Que a palavra de ordem «Eleições Livres» está, pois, errada.

Esta ideia é uma irmã siamesa, embora envergando outras roupagens, daquela outra tão propagada pelos oportunistas e renegados do grupo José de Sousa e por Cunha Leal, que espalham entre os anti-fascistas a ideia de que foi um erro não se ter concorrido às eleições gerais de 1915 e não se ter levado uma minoria, por reduzida que fosse, à Assembleia Nacional.

Vejamos se são justas estas ideias.

As eleições gerais de 1915 realizaram-se num momento em que as forças da reacção mais negra — o Eixo — tinham sido derrotadas, em que as forças democráticas começavam a assinalar os seus primeiros grandes triunfos eleitorais, e em que a reacção mundial se sentia batida duramente em todas as frentes. O fascismo salazarista, que tinha sentido já anteriormente fortes estremeções provocados pelas greves de Julho-Agosto de 1943 e de Maio de 1944, bem assim como pelas grandes manifestações da Vitória, e via crescer dia a dia uma onda de descontentamento e repulsa que o ameaçavam subverter, que sentia a acção crescente das organizações ilegais anti-fascistas, viu-se obrigado a recorrer a uma manobra eleitoral e a procurar dar uma vazão legal e pacífica ao movimento crescente da oposição.

Esse movimento tomou rapidamente corpo sob a forma do Movimento de Unidade Democrática, que dentro de poucas semanas reunia à sua volta centenas de milhares de portugueses anti-fascistas e deixava estarrecido de medo o governo, devido à sua amplitude e energia. Num momento em que se assistia no país a um despertar impetuoso das forças democráticas e em que no campo internacional se assinalavam sempre novas vitórias das forças anti-fascistas, em que o fascismo para procurar sobreviver se mascarava o melhor que podia com traços pseudo-democráticos, poderia a oposição colaborar nessa manobra e aceitar as liberdades condicionadas que o fascismo foi obrigado a conceder-lhe? SE O TIVESSE FEITO, NÃO TERIA PODIDO POR EM CHEQUE PERANTE O PAÍS E PERANTE O MUNDO ESSA MANOBRÁ ELEITORAL DO SALAZARISMO, TERIA INSUFLADO A ESTE NOVAS FORÇAS, TERIA ABDICADO DAS CONDIÇÕES E DA FORÇA QUE O MOVIMENTO NASCENTE LHE EMPRESTAVA. Colaborar, pois, nessa manobra eleitoral, teria

sido o mesmo que colaborar com o fascismo.

Porque se pôs como palavra de ordem «Eleições Livres»? Porque face à manobra eleitoral de Salazar e às suas liberdades condicionadas, o que havia que exigir, para desmascarar essa manobra e para corresponder ao sentir das massas, era lutar por eleições onde o povo português pudesse exprimir livremente a sua vontade. Foi porque a palavra de ordem «Eleições Livres» correspondia bem ao sentir das massas que estas a aclamaram nas manifestações da Vitória e que o MUD viu agruparem-se à sua volta centenas de milhares de democratas e os melhores valores nacionais. Não lançar essa palavra de ordem seria contrariar o sentir das massas, **SERIA TRAVAR O CRESCIMENTO DESSA GRANDE FORÇA LEGAL DA OPOSIÇÃO QUE É O MUD**, seria abrir o caminho a todos os videirinhos oportunistas que queriam ser deputados fosse em que circunstâncias fosse, **SERIA ROMPER A UNIDADE DAS FORÇAS DEMOCRÁTICAS FRENTE AO FASCISMO.**

Esses mesmos camaradas consideram como «uma sobrestimação das nossas forças» o falarmos com certa insistência numa «futura manobra eleitoral», pois, segundo eles, «o fascismo teria neste momento as mãos inteiramente livres», e, porque conta com o apoio da reacção mundial, não sentiria, portanto, a necessidade de recorrer a qualquer manobra eleitoral.

Vejamos também se são justas estas ideias.

A campanha que a reacção mundial conduz neste momento contra os países democráticos e progressivos, particularmente contra a URSS e os países da Europa Oriental, tem desorientado muitos anti-fascistas, pois tem-os deixado na ideia de que as forças da democracia estão em recuo no mundo. Estes elementos não vêem que a política do dólar, com o plano Marshall à frente, e a política intervencionista dos imperialistas anglo-americanos na vida política de muitos países, tem por objectivo travar a marcha dos povos para a democracia, e se destina a pôr um travão à marcha dos países que já souberam sacudir o jugo das potências imperialistas; e que a intensidade dessa campanha será tanto maior quanto maior for o desespero da reacção mundial perante os triunfos sucessivos das forças democráticas.

Que o fascismo salazarista procura aproveitar essa campanha da reacção mundial e nela participa directamente, para procurar sobreviver, esforçando-se por dar a ideia, através da imprensa e da rádio, de que a reacção está de novo triunfante no mundo, é um facto por todos constatado. Os anti-fascistas que se deixam desorientar com esta campanha mostram ter uma compreensão muito limitada dos acontecimentos e deixam-se facilmente influenciar pelas manobras jesuíticas de Salazar. O fascismo português sabe, melhor do que esses anti-fascistas (e — o que é bem mais lamentável — do que alguns camaradas nossos!) que a marcha dos povos livres para a democracia não poderá ser travada pelo yozear desesperado dos imperialistas anglo-americanos nem pela reacção capitaneada pelo Vaticano, e que, portanto, para sobreviver, terá de ir fazendo concessões maiores ou menores às forças democráticas internas, conforme estas se mostrem mais ou menos aguerridas. O que quer dizer que a futura manobra eleitoral se realizará ou não realizará conforme agirem as forças anti-fascistas no nosso país e no mundo. Quando no II Congresso Ilegal do nosso Partido se anunciou essa manobra fascista, não se marcou nem podia marcar data para ela, ao contrário do que certos camaradas, agora desorientados pela marcha dos acontecimentos internos e externos parecem julgar; viu-se, sim, que o fascismo acoçado pelos acontecimentos nacionais e internacionais, poderia ser obrigado a recorrer a uma manobra eleitoral. Vejamos se foi ou não justa essa orientação.

Será ou não uma realidade facilmente constatável que os salazaristas de há um ano a esta parte têm manobrado no sentido de:

a) — conquistarem certa influência nas massas, recorrendo para isso a uma política anti-económica de importações, ao mesmo tempo que dão grande publicidade às conferências do ministro da Economia e às suas promessas demagógicas; levando o ministro das Obras Públicas a andar feito caixeiro viajante do fascismo, fazendo promessas atrás de promessas por vilas e aldeias; organizando festas de espanto em Lisboa e Porto e controlando mais apertadamente a imprensa através do Secretariado de Informações?

b) — reorganizando a União Nacional, procurando dar-lhe vida política, e nomeando governadores civis e outras autoridades de lealdade comprovada com o fascismo?

c) — servindo-se de Botelho Moniz para procurarem aliciar em volta deste

fascista de gema (camuflado para o efeito e anti-salazarista) todos os elementos da situação que estão descontentes com a política lerada a cabo pelo governo, evitando assim que possam vir engrossar as fileiras do anti-fascismo?

d) — levando o mesmo Botelho Moniz a procurar dividir as forças anti-fascistas por meio de abordagens directas de democratas ligados ao MUNAF ou ao MUD, a quem promete a participação num putch em preparação desde que rompam com os comunistas?

e) — procurando organizar partidos dóceis de oposição controlada, no género da Frente Socialista de Ramada Curto-José de Sousa, dispostos a participar numa burla eleitoral?

f) — enfraquecer o MUD e o MUDJ, prendendo muitos dos seus elementos mais destacados, e proibindo muitas das suas manifestações públicas?

g) — procurar isolar o Partido Comunista dos outros partidos anti-fascistas, quer prometendo a legalidade a esses outros partidos, quer dizendo que a oposição poderá ser legalizada inteiramente, desde que rompam com os comunistas procurando assim isolar o nosso Partido, como força de vanguarda na luta contra o fascismo?

Não evidenciarão estas manobras, conduzidas simultaneamente, uma tentativa do salazarismo para encontrar uma saída pseudo-democrática que o não comprometa irremediavelmente e lhe dê novas possibilidades de vida? Creemos bem que sim!

Porque se não apercebem destas manobras os camaradas que mostram não compreender a linha do Partido? — Porque, sentindo a repressão aumentar em cada dia que passa no interior do país e deixando-se desorientar com as campanhas da reacção nacional e internacional, perderam as perspectivas, e queriam ver imediatamente abertas as portas a uma oposição legal e fácil, isto num momento em que ela se mostra mais dura; isto é, ao fim e ao cabo estes camaradas fazem-se eco do desespero que lavra em certos sectores da pequena burguesia. Esses camaradas não são capazes de constatar que TODAS AS MANOBRAS QUE ATRÁS APONTAMOS TÊM FALHADO SUCESSIVAMENTE e que, portanto, O SALAZARISMO SE TEM MOSTRADO IMPOTENTE PARA DOMINAR A SITUAÇÃO POLÍTICA, que está muito longe de «ter as mãos inteiramente livres» como esses camaradas julgam. Por outro lado, a campanha da reacção mundial não tem conseguido fazer triunfar os seus intentos torvos, e assim é que a marcha para a democracia na quase totalidade dos países europeus segue o seu curso, embora isso pese aos diplomatas do dólar. Portugal salazarista continua fora da ONU e sofre desaire após desaire sempre que a sua candidatura é apresentada e defendida no Conselho de Segurança pelos fascistas argentinos ou pelos imperialistas anglo-americanos. SALAZAR E O SEU GOVERNO CONTINUAM, PORTANTO, A TER A NECESSIDADE DE UMA NOVA MANOBRAS ELEITORAL QUE LHESS POSSA ABRIR AS PORTAS DA ONU E TRAVE O ISOLAMENTO PROGRESSIVO A QUE VOTARAM PORTUGAL PERANTE O MUNDO E O GOVERNO PERANTE O PAÍS.

Vemos, pelo que atrás fica apontado, que os camaradas que no nosso Partido aparecem com estas críticas à sua linha política mostram ser influenciados directa ou indirectamente por ideias estranhas ao Partido do proletariado e à sua causa anti-fascista, e se deixam manobrar indirectamente pelos falsos amigos da democracia e influenciar pelas campanhas desesperadas da reacção interna e externa. Isto significa para nós, comunistas, como ala avançada do anti-fascismo, que temos de travar combate, primeiro dentro das próprias fileiras do Partido contra estes desvios derrotistas e estas vacilações; e em segundo lugar, que deveremos, nos organismos anti-fascistas a que pertencemos, procurar esclarecer os elementos vacilantes e derrotistas sobre o significado das manobras salazaristas e das campanhas virulentas da reacção mundial. Não poderemos nunca esquecer que temos de ser os guias e os orientadores da luta anti-fascista, PORQUE SOMOS OS SEUS LUTADORES MAIS CONSEQUENTES, PORQUE SOMOS OS INIMIGOS MAIS CONSTANTES DO FASCISMO.

Por uma ligação constante com as massas
NO TERRENO SINDICAL

A experiência de toda a luta sindical comprova a cada instante a justeza da orientação do Partido e põe a nu consequências prejudiciais e resultantes da





feita da sua aplicação.

Tem o Partido insistido em que, para se levarem a bom termo as eleições sindicais, para que os Sindicatos Nacionais se transformem em verdadeiros organismos defensores dos interesses das massas trabalhadoras e deixem de ser instrumentos ao serviço do patronato e do fascismo, se impõe a mobilização e acção constante das massas trabalhadoras, que as direcções e todos os honrados dirigentes sindicais se liguem cada vez mais às massas à base da justa e cuidadosa interpretação e solução de todos os seus problemas vitais e quotidianos.

Contudo, e apesar de todos os êxitos obtidos no domínio sindical, nem sempre este caminho tem sido seguido. Neste aspecto, dois casos queremos salientir, como rica experiência para o futuro.

PRIMEIRO CASO — A certa altura verificou-se haver ambiente e demais condições, em relação a determinada classe, para levar as massas ao sindicato, promover uma assembleia, formar e legalizar uma comissão sindical e colocar, por seu intermédio, ao I.N.T. a revisão do contrato colectivo de trabalho, com base num aumento de salários. Que se verifica passados alguns dias da constatação destes factos?

A comissão formou-se mas por acção individual dos seus componentes. Avisitou-se com o delegado do I.N.T. a quem colocou o problema do aumento de salários. O dito delegado prometeu efectivamente um aumento de salários, mas desde logo aconselhando a comissão a não promover nenhuma assembleia no sindicato, não comunicar à classe a promessa feita nem ir ao I.N.T.. A comissão aceitou estas condições, sentindo-se satisfeita com os resultados obtidos.

Que se pode daqui concluir?

Em primeiro lugar, foi um erro não se ter celebrado a assembleia no Sindicato para ouvir a classe, a qual daria todo o seu apoio à comissão para melhor defesa das suas reivindicações pendentes.

Em segundo lugar foi um erro ter aceitado os conselhos do delegado do I.N.T., assumindo, de certo modo, um compromisso prejudicial, em vez de comunicar à classe a demarche realizada (ainda que comunicando isto ao próprio delegado do I.N.T.), as promessas feitas e com o apoio da classe continuar depois a luta pelo caminho escolhido juntamente com os trabalhadores.

Em terceiro lugar, e apesar de nem tudo ter sido negativo da parte da comissão (haja em vista a formação e ida da comissão ao delegado, obtendo dele a promessa de aumento de salários), isto revela ter-se enveredado pelo caminho mais fácil, dispensando-se a consulta, acção e apoio das massas, caindo-se no campo do reformismo sindical, nos excessos de legalismo, no caminho das acções isoladas das massas.

SEGUNDO CASO — Junto de determinado sindicato foi em dada altura grande quantidade de trabalhadores para tratar com a direcção um problema imediato e que estava a afectar consideravelmente a sua vida. Uma vez na presença dum membro da direcção do sindicato, expuseram as razões da sua ida ali. Este dirigente, desculpando-se, respondeu não poder atender nesse momento e, dada a insistência dos trabalhadores, mostrou-se indignado com eles chegando a condenar a sua attitude e portanto esta acção de massas, o que motivou descontentamento à direcção do sindicato.

Que nos prova isto?

Em primeiro lugar isto revela que este dirigente sindical, neste caso concreto, não deu a importância devida a esta acção de massas, não atendeu como devia os trabalhadores que procuraram o seu sindicato e a direcção para os ajudar na solução dum problema da sua vida, não soube apoiar-se nesta acção dos trabalhadores para obter a satisfação do assunto pendente.

Em segundo lugar, procedendo assim, este dirigente sindical deu aso a reparos, a censuras, a desconfianças por parte dos trabalhadores.

Em tais circunstâncias o que havia a fazer era ouvir com toda a atenção, paciência e carinho os trabalhadores, esclarecê-los, estudar com eles a melhor forma de serem rapidamente atendidas as suas necessidades e aspirações.

Estes dois factos demonstram como não há ainda uma total compreensão em relação à importância da mobilização, acção e ligação com as massas, por parte de muitos dirigentes sindicais.

Estes factos demonstram existir ainda hoje dentro do movimento sindical do nosso país a tendência para os métodos reformistas, a tendência para as acções isoladas das massas e o excesso de legalismo da parte de alguns dirigentes sindicais. Por tudo isto nunca será demais salientar e insistir em que a orientação

dos verdadeiros dirigentes dos trabalhadores deve caracterizar-se sempre pelo seu conteúdo de massas. As massas não só poderão estimular e apoiar os dirigentes sindicais em toda a sua acção. Elas são o factor fundamental para a solução de todos os seus problemas, para obrigar o fascismo a ceder. Por outro lado as massas têm muito que ensinar aos dirigentes sindicais no cumprimento dos seus deveres. Esta é uma realidade que nunca deverá ser esquecida.

MAIS AUXÍLIO POLÍTICO AOS QUADROS TÉCNICOS

Não há dúvida que a condição fundamental para a segurança e êxito das tarefas levadas a cabo pelos quadros do nosso Partido está em terem os quadros consciência das suas tarefas e da sua importância na quadra geral da luta do Partido, em terem presente o porquê da mesma luta, ou seja, para onde vamos, por que estamos lutando e o que desejamos alcançar.

A política de quadros do Partido orienta-se no sentido de colocar os quadros onde possam dar maior rendimento, tendo em consideração factores que indiquem e determinem a ida deste ou daquele camarada para esta ou aquela tarefa. E, agradem-nos mais ou menos as tarefas que o Partido nos confia, uma coisa nos deve guiar: em qualquer dos casos estamos a cumprir uma tarefa concreta para o nosso Partido e para o nosso Povo.

De entre as muitas tarefas partidárias, uma há, o chamado trabalho técnico, que tem de ser muito bem compreendido por todos nós e em especial pelos nossos quadros técnicos. Não pode haver dúvidas da importância desta tarefa. Quer dizer, da importância da agitação e propaganda como armas poderosas para o fortalecimento das organizações do Partido e para ligar o Partido às massas. Lênine disse que a agitação e propaganda prepara a coação ideológica e orgânica do Partido. A um grande Partido corresponde uma grande organização, a um grande Partido corresponde também uma grande propaganda.

E que conclusão podemos tirar daqui? Podemos concluir que o alargamento do Partido e a sua influência junto das massas se devem, em parte, aos quadros técnicos. Cabe agora apreciar se tais camaradas têm acompanhado os progressos do Partido.

No primeiro lugar, temos de reconhecer que os camaradas que têm a seu cargo tal tarefa têm passado grandes espaços de tempo sem que lhes tenha sido prestada aquela assistência política indispensável a qualquer quadro do Partido. Podemos dizer que os contactos com estes camaradas são, fundamentalmente, para entregar e receber. E assim, tais camaradas não acompanham a vida do Partido, o seu desenvolvimento e as suas dificuldades.

Em segundo lugar, temos de ter em conta que estes camaradas, pela natureza da sua tarefa, não podem ter ligação com as massas, nem tampouco com este ou aquele anti-fascista, no sentido de se inteirarem da real situação.

Deste modo, se os camaradas que contactam com os quadros técnicos não informarem estes da situação e vida do nosso Partido, não discutirem a importância das tarefas técnicas na vida do Partido, limitando-se ao encontro de entregar e receber, os camaradas técnicos podem substituir a sua tarefa e pensar que nunca poderão prestar grandes serviços ao Partido. E daí podem ter ideias injustas a respeito da sua tarefa.

Em terceiro lugar, temos de admitir que os camaradas técnicos nem sempre desempenharão tarefas técnicas e um dia virá em que serão chamados a tarefas de outra natureza. Ora, se estes camaradas não forem ajudados politicamente, podem, sem mesmo se darem conta, interessar-se menos pela luta do Partido, além de que amanhã encontrarão grandes dificuldades no desempenho de outras tarefas que o Partido lhes exigir. Qual é, pois, a tarefa que se impõe no sentido de prestar mais auxílio aos quadros técnicos?

Antes de mais, impõe-se que os próprios quadros técnicos discutam e assimilem a linha política do Partido e se compenetrem profundamente dela, porque só se pode defender com segurança e decisão aquilo que se conhece bem. Que os quadros técnicos radiquem na sua consciência que as suas tarefas são tão indispensáveis à vida e ao engrandecimento do Partido como são as tarefas políticas e as orgânicas. Finalmente, que asseguremos a vida política aos nossos quadros técnicos, não nos limitando aos encontros de entregar e receber.

Aos camaradas em ligação com os camaradas técnicos compete, pois, prestar-lhes mais e mais assistência política no sentido de os pôr ao corrente da vida do nosso Partido.



DISCIPLINA PARTIDÁRIA

Verificando a contínua e desenfreada acção da policia salazarista com o fim de vibrar novos golpes no nosso Partido, para impedir a sua acção de vanguarda na luta contra o fascismo, pela defesa da unidade das forças democráticas pela conquista da Liberdade e da Democracia;

Verificando que o nosso Partido sofreu ultimamente algumas baixas em virtude também de não terem sido postas em prática as medidas conspirativas estabelecidas e obrigatórias para todos os militantes do Partido;

Verificando na origem dessas baixas e ainda hoje quebra da disciplina partidária; verificando finalmente existirem ainda outras faltas e erros que a não serem sancionados e corrigidos rapidamente poderão vir a afectar a unidade do Partido, uma sólida politica de quadros, a manutenção e o aperfeiçoamento da verdadeira moral comunista, o Secretariado, conforme já tinha comunicado, resolveu tornar públicas as seguintes sanções:

Camarada T — Censurado por ter dado provas, em certa altura, de falta de uma moral comunista, criando assim dificuldades e prejuizos materiais ao Partido;

Camarada H — Censurado por ter tido um encontro inconveniente contra o que consigo tinha ficado estabelecido e por não ter sabido, em dada altura, administrar convenientemente o dinheiro do Partido;

Camarada C — Criticado por ter utilizado um meio de transporte em sitio muitissimo inconveniente, contra o que estava consigo assente, com a agravante de ter escondido esta sua falta ao Partido;

Camarada M — Criticado por ter originado a perda de valores e materiais do Partido e por ter repetido um erro pelo qual já tinha sido criticado e ajudado;

Camarada Ma. — Criticado por ter encarregado duma tarefa a camarada da casa do Partido onde vive, contra o que está estabelecido pelo Partido, e por ter posto em seu conhecimento um aspecto de trabalho partidário que lhe não dizia respeito.

O Secretariado chama mais uma vez a atenção de todos os camaradas para o integral cumprimento das regras conspirativas, para a manutenção e reforçamento da disciplina partidária, para a manutenção e aperfeiçoamento dos principios do Partido e sublinha uma vez mais:

Insistir nos erros e deficiências havidos até agora, relaxar as normas conspirativas e a disciplina partidária, significa pôr em perigo a vida e segurança dos quadros do Partido, significa pôr em perigo a segurança das organizações do Partido, significa pôr em perigo a segurança dos democratas que com osso actuam na luta, significa minar a confiança e prestígio do Partido impedindo-o que cumpra a sua missão perante a classe operária e o povo do nosso país.

O Secretariado, ao mesmo tempo que se esforçará para auxiliar todos os camaradas a cumprir cada vez melhor com as suas tarefas e deveres comunistas, reafirma a necessidade e disposição de aplicar todas as medidas correspondentes à defesa do Partido e da sua unidade interna e chama todos os militantes a recrudescerem a sua acção de vigilância partidária a fim de se intensificar a campanha dentro do Partido pela Defesa dos Quadros; Defesa das Organizações e do Prestígio do Partido; pelo Reforçamento das Regras Conspirativas e Unidade do nosso Partido.

Ao publicar as criticas e sanções partidárias, o Secretariado tem em consideração:

- 1.º — A gravidade da infracção e prejuizos daí resultantes para o Partido;
- 2.º — O passado de cada camarada sancionado e se há ou não na sua vida de militante repetição de erros anteriores;
- 3.º — Grau de responsabilidade dentro do Partido do camarada sancionado;
- 4.º — Grau de lealdade para com o nosso Partido assim: como a forma como reconhece e procura emendar os seus erros na pratica da sua actividade diária.

RECTIFICAÇÃO: - O título do artigo da 1.ª página de «O MILITANTE» n.º 49 saiu errado. Em vez de «Reforcemos o trabalho do Partido», devia ter vindo «Reforcemos o trabalho conspirativo»

Ao mesmo tempo o Secretariado salienta a necessidade e vantagem de todos os camaradas que tenham reparos a fazer em relação a este problema o façam tão pronto quanto possível aos organismos a que pertencem, junto dos camaradas controladores.